



**Pensando Áfricas e suas diásporas**

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 01 N. 02 – jul/dez 2015

## **Reexistência – Letramento, currículo, interação e construção de identidades sociais no movimento cultural Hip-Hop**

Ana Lúcia Silva Souza\*

**Resumo:** O artigo tem como foco uma situação de interação face a face da qual participam jovens, maioria negra, atuantes no movimento hip hop em São Paulo e um grupo de estudantes de pedagogia. Busca verificar como os jovens gerenciam a situação de interação por meio do uso de estratégias discursivas e quais são os seus efeitos. Interessa em especial o que diz respeito à constituição de identidade social dos *rappers*.

**Palavras-chave:** Movimento hip hop; Estratégias discursivas; Identidade social; *Rappers*.

**Abstract:** The article has as focus an interaction situation face the face of which participates young, black majority, operating in the movement hip hop in São Paulo and a group of pedagogy students. Search to verify as the young manages the interaction situation by means of the use of discursive strategies and which are its effect. It interests in special what it says respect to the constitution of social identity of rappers.

**Keywords:** Keywords: hip hop Movement; Discursive strategies; Social identity; Rappers.

### **1. Introdução**

Este artigo tem como objetivo analisar os sentidos atribuídos às práticas de letramentos vivenciadas por jovens, ativistas do movimento hip hop, bem como os modos de construção de suas identidades sociais. Desde os anos de 1980, o movimento hip-hop, com mais força nas capitais brasileiras, vem se firmando como espaço cultural e político de desenvolvimento de práticas sócio-educativas e de auto-afirmação para a população negra, pobre e jovem, muito em função de suas críticas às exclusões sociais e desigualdades raciais. Neste lugar de práticas *negras* ganham relevo as maneiras como se dão os contatos e manejos da língua no corpo, na escrita, na oralidade, na imagem, que têm permitido aos ativistas engendrar usos singulares da linguagem em meio a instigantes processos de trocas e de aprendizagens.

---

\* Professora do Instituto de Letras da UFBA. E-mail: analusilvasouza@uol.com.br

Aqui interessa, entre outros aspectos, refletir sobre a necessidade de considerar não apenas a existência e a legitimidade de tais práticas de letramentos bem como as possíveis implicações para se pensar os novos contornos que devem ganhar as discussões sobre currículo quando se pensa no atual quadro de ensino de Língua Portuguesa, destacando algumas das preocupações recentes dentro do campo da Linguística Aplicada. Preocupações recentes, vale dizer, não porque sejam temas novos, mas devido ao crescente interesse por parte de estudantes de licenciaturas em Letras ou afins e de pesquisadores em pensar a sala de aula como um espaço plural, no qual a heterogeneidade das identidades sociais presentes são (ou devem ser) bem vindas e fundamentais para se pensar o currículo. Currículo como lugar, espaço, territórios de identidades e de práticas sociais nos quais são incentivadas as discussões, o entendimento e as negociações das relações de poder (SILVA, 1999 p. 150), pensando a necessidade de redirecionamentos conceituais e metodológicos que sejam capazes de trazer implicações para as ações concretas e cotidianas dentro dos espaços educativos.

Dos conteúdos curriculares até à prática docente, não se pode mais conceber o espaço da sala de aula e, especificamente, as aulas de língua portuguesa, como um espaço homogêneo no qual os sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem não tem papel fundamental para o acontecimento das aulas, dos planos e projetos. Diante dessa perspectiva, não é possível conceber o ensino de língua dissociado da relação linguagem e identificação, que se reflete na sala de aula e na escola desde os conteúdos que escolhemos até a forma como encaminhamos nossas metodologias e práticas pedagógicas. É dessa perspectiva que se espera sejam focadas, no cotidiano dos mais diversos espaços educativos, as intersecções entre as questões de gênero, étnico-raciais e as de classe social. Isso articulando enfoques interdisciplinares ou multidisciplinares que possam melhor dar conta das desigualdades educacionais presentes, bem como do processo de ensino aprendizagem de língua portuguesa mediante a relação entre linguagem e identidades sociais.

Com este olhar, a partir de uma abordagem enunciativo-discursiva, busca-se identificar como são construídas, nas interações das quais tomam parte, posicionamentos em relação aos modos como os sujeitos percebem a si mesmos como ativistas do movimento cultural hip-hop, como letrados e como agentes de letramento. Salientamos que a aproximação com o universo das práticas pouco valorizadas de letramentos apresenta-se como exercício importante para problematizar, e colocar em revista a condição de passividade quase sempre atribuída aos setores minorizados da população e, ao mesmo tempo, contribui

[14/24]

para a visualização de práticas situadas em outros contextos de produção como os de movimentos sociais negros.

A seguir acompanhemos a análise de uma situação de interação face a face entre um grupo de jovens integrantes do movimento sócio-cultural hip hop, *rappers*, atuante na cidade de São Paulo e um grupo de estudantes de pedagogia de uma Faculdade, localizada em um município da Grande São Paulo<sup>1</sup>. Por meio dela, busca-se a identificação e análise de recursos linguísticos e estratégias de argumentação que funcionam como gerenciadores da situação interacional, de modo a apresentar positivamente o hip hop e seus integrantes. Buscando destacar as consequências deste posicionamento para a formação das identidades sociais destes jovens, inicialmente contextualizaremos o movimento hip hop e o perfil dos dois grupos envolvidos, posteriormente a situação de interação e breve análise dos dados.

## **2. Movimento cultural hip hop: *"minha mente é a bala, minha boca é o gatilho"*** **(Dimenor) - rapper**

Na atual sociedade brasileira, os debates em torno da juventude e de suas práticas organizativas tem ganhado relevância. Neste cenário, com opiniões contra ou a favor, o movimento sócio-cultural hip hop tem sido considerado como um importante fenômeno, enraizado junto a grupos urbanos, moradores de periferia, em sua maioria composto por jovens negros, e também brancos, geralmente de baixo poder aquisitivo.

A cultura hip hop se materializa em torno de quatro expressões: o grafite por meio de pinturas em muros ou painéis com mensagens diversas, o break, a dança de rua e outros dois elementos em torno da música. Como um gênero musical marcado pelo uso de recursos e aparelhagem eletrônica, o terceiro elemento, porém, é mais conhecido ao produzir, por meio de composições poéticas, um discurso de denúncia em relação às desigualdades sociais, à opressão policial e ao preconceito e discriminação racial. Cantado pelo MC, o mestre de cerimônias, o vocalista.

Parte significativa destes jovens tem assumido a postura de porta-vozes da periferia e, pela necessidade de qualificar suas mensagens, organizam espaços de estudos, produzem

---

<sup>1</sup> O artigo traz parte de discussões realizadas na Tese de doutorado *Letramentos de Reexistência: Culturas e Identidades no Movimento Hip-Hop*, defendida por mim. Unicamp-IEL.

vídeos, elaboram materiais por via impressa ou eletrônica. Nas intervenções, chama a atenção, entre outros aspectos, a presença da palavra oral e escrita como parte fundamental dos eventos de letramento, aqui entendidos como “situações em que a escrita constitui parte essencial para fazer sentido da situação, tanto em relação à interação entre os participantes como em relação aos processos e estratégias interpretativas” (Kleiman, 1995:40). O uso da linguagem é elemento fundamental para a circulação dos conhecimentos e experiências vividas.

Em conversa com alguns grupos, a maioria afirma ter a escola como um ponto de referência para as primeiras iniciativas de aglutinação (GOMES e MUNANGA, 2004; CORTI e SOUZA, 2004). Ainda que esta instituição não se mostre preparada para o acolhimento, parcela significativa de educadores tem mostrado curiosidade ou interesse em conhecer as formas de organização destes grupos juvenis que usam a linguagem de maneira singular. A escola, por sua vez, é alvo de interesse dos jovens que buscam desfazer controvérsias e intolerâncias em relação à condição juvenil, especialmente a juventude negra e pobre, e mostrar-se como agentes de letramento dentro e fora da escola.

Foram estes os dois aspectos que motivaram o encontro, no qual a interação é objeto de análise deste artigo. Para os estudantes de pedagogia, de classe média baixa na faixa etária que varia de 20 a 45 anos, o objetivo era conhecer práticas diferenciadas externas ao ambiente formal de educação. Para os jovens - quatro homens e uma mulher, com idade entre 22 e 28 anos, todos com ensino médio completo - tratava-se de ampliar as possibilidades de diálogo com educadores.

Os dados da interação foram gerados por meio de anotações de campo, fotografias, gravação em áudio e vídeo. Vale salientar que a atividade foi agendada com três semanas de antecedência e que tanto os jovens com os futuros(as) professores(as) prepararam-se para o encontro. Estes últimos buscaram informações na internet, jornais e revistas. Os jovens organizaram duas reuniões anteriores, nas quais selecionaram materiais e possíveis estratégias de abordagem do tema. Havia por parte deles o propósito de apresentar o hip hop como importante aliado da educação, conforme aparece no enunciado abaixo, parte de uma das reuniões preparatórias:

**Rodrigo:** - Quando a gente for fazer a palestra lá na faculdade a gente diz: eu acho que o hip hop é importante para a educação.

[16/24]

*Para se pensar currículo, práticas de letramentos e construção de identidades sociais no movimento Hip Hop* • SOUZA, Ana Lúcia.

**Leandro:** - Olha, assim não, mano! A gente deve falar: o hip hop é importante para a educação. Fica mais forte a nossa posição

O discurso aqui aparece como motor de ação dos sujeitos que, por meio da língua em funcionamento, agem no mundo, construindo e constituindo identidades que se formam e transformam continuamente (HALL, 2003: 13).

Desta perspectiva, as proposições de Bakhtin ([1929] 1986) são importantes para esta análise por considerar que a língua é uma forma de interação social que, em relação dialógica, serve de expressão e é dirigida sempre a alguém. A palavra é sempre dita em uma situação de negociação na qual a construção de sentidos é um espaço de formação de identidades, o que não se faz sem contato com o outro.

Poder observar este fragmento da preparação para a interação deixa entrever que o discurso que se produzia neste momento estava em diálogo com outros discursos, já se dirigia a alguém, neste caso os estudantes universitários que de maneira geral traziam vozes de uma sociedade que ainda pouco acredita na capacidade de realização da juventude, ainda mais sendo esta perfilada ao movimento hip hop. Por isso, ao longo deste encontro, as escolhas lexicais, as entonações e outros recursos constituíram a construção de um cenário, de um jogo estratégico no qual se pretendia como efeito uma ação sobre a realidade imediata: buscar alterar uma situação de preconceitos estereótipos sobre o jovem e sobre a população negra.

### **3. Um olhar sobre os dados - o hip hop mata, o hip hop salva, o hip hop...**

Ainda que marcada pela informalidade, o evento de interação em destaque foi constituído por meio das etapas de aula descritas por Matêncio (2001); abertura, preparação, desenvolvimento, conclusão e encerramento. Vejamos o exemplo de abertura:

**1 - Jonatha:** boa noite pessoal, **nós vamos** começar apresentando um vídeo sobre o que é o hip hop. Depois disso **vamos nos** apresentar bem rápido e abrir para as perguntas de vocês, tudo bem?

Diferentemente do que ocorre no cotidiano, quando são mais impulsivos e espontâneos, os jovens mediram palavras e olhares e pausaram a voz, buscando apresentar-se com atitude segura e firme. A fala em tom de sondagem apresentava logo de início o grupo como coletivo: nós vamos. Podemos afirmar que os jovens sabiam que, dado o senso comum

[17/24]

*Para se pensar currículo, práticas de letramentos e construção de identidades sociais no movimento Hip Hop* • SOUZA, Ana Lúcia.

negativo em relação ao movimento poderia existir uma assimetria das relações de lugares e dos papéis entre os interactantes e que suas palavras corriam o risco de ser deslegitimada pelos ouvintes.

Na sequência foi exibida uma fita de vídeo de cerca de dez minutos sobre o hip hop. Em seguida todos os jovens, um a um, fizeram longas explanações sobre os aspectos culturais e políticos do movimento hip hop. Enquanto isso os estudantes permaneceram em quase silêncio, interrompida por raras e breves intervenções para tirar dúvidas sobre os locais de reunião, as formas de organização dos ativistas. Para responder qualquer questão os jovens cediam e circulavam a palavra, entre eles mesmos, aos cinco componentes do grupo. Pode-se afirmar que as operações didático-discursivas realizadas entre os jovens e os estudantes sinalizam que estes últimos, ao dialogar entre si, buscaram se fortalecer diante do *Outro*, garantindo seu papel de *professor*.

Transcorridos cerca de trinta minutos de interação, um dos estudantes fez uma pergunta em relação ao consumo de drogas entre os integrantes do movimento que, segundo ele, sempre têm problemas com isso. Depois da pergunta os jovens se entreolharam e cederam a palavra ao Jonatha, que então passa a responder ao José.

**48 – Jonatha:** a droga **não** é exclusiva do hip hop. **NÃO. A gente sabe** que acontece em vários movimentos, em várias culturas, ainda mais juvenis, né? **Na periferia, na favela, vamos ser** bem sinceros, né? **A gente sabe** que acontece muita coisa mesmo porque **o povo não tem acesso a nada...** o povo não tem acesso a nada. **Você vai** em bairros da periferia ou em favelas e **você vê** a cada esquina **uma igreja, um boteco**, em cada esquina, mas **você não vê** uma praça, **não vê** uma casa de cultura, **você não vê** um::, um teatro, entendeu? **Você não vê nada**, um campo de futebol, só vê isso daí...

É possível perceber que Jonatha usa a argumentação de maneira a convencer o interlocutor de que o consumo de drogas não se relaciona exclusivamente ao universo do hip hop. Mediante o dêitico de pessoa *a gente*, a argumentação parece evocar a cumplicidade do interlocutor mais próximo e também dos demais. Quando o jovem diz *a gente* inclui-se neste contexto e obriga o interlocutor a compartilhar com ele o reconhecimento em relação aos problemas sociais que afetam os jovens e as classes populares.

Nota-se também o uso da negação para afastar o movimento da problemática. A argumentação marca a necessidade de elucidar por quais caminhos a droga chega aos jovens, quais são as responsabilidades da sociedade, inserindo a questão em um âmbito muito mais amplo. Com o uso do dêitico de pessoa *você*, singulariza o olhar do interactante sobre a

[18/24]

realidade, buscando desconstruir uma visão preconceituosa e negativa e ao mesmo tempo criar condições para uma visão positiva.

Detecta-se ainda na argumentação uma tentativa de vitimização da periferia. Tanto pela denúncia a ineficiência em relação às políticas públicas ineficazes, como pela construção da imagem da periferia e da favela como a destituída de equipamentos e mais uma vez vítima da desigualdade e injustiça social, e por isso exposta mais à violência das drogas que atingem os jovens.

Ao que parece, o uso dos recursos acima citados tiveram, pelo menos, neste momento, um efeito positivo em favor do movimento hip hop. Vejamos a sequência abaixo, quando José retoma os lugares citados por Jonatha - *boteco e igreja* - especificando-lhes as funções dentro do cenário já descrito pelo jovem:

*49 - José: O boteco é para vender cachaça e droga, e a igreja é para tomar dinheiro dos...*

José referenda a crítica que vem sendo feita e desta maneira parece, se não aceitar a imagem positiva do movimento, pelo menos concordar com a fala de que a responsabilidade sobre o uso e disseminação de drogas cabe à sociedade e não somente aos usuários.

Para abordagens desta natureza interessa a vertente da análise crítica de discurso proposta por Fairclough. Sua abordagem buscar evidenciar que o discurso envolve estratégias de resistência em meio às relações de poder no mundo em que se vive e que ambos se influenciam, ou seja, o discurso, por um lado é moldado pela estrutura social e, por outro, também é constitutivo da estrutura social, trazendo, portanto uma perspectiva teórica dialética.

Nesse caso a interação como a apresentada aqui poderia ser analisada nas três dimensões propostas por Fairclough: a) o discurso como prática textual - considerando-se o discurso em relação à maneira como se organiza o texto, as regras, a organização das informações, o gênero; b) no que se refere à prática discursiva, o que nos remete sempre a considerar que pelo discurso atuamos em sociedade e c) atentando para os efeitos das representações geradas na e pelo discurso na ordem social do qual falantes e ouvintes fazem parte. Para o autor (2001, p. 91) o discurso, entendido como prática social, “é uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação”.

[19/24]

Assim quando os jovens usaram a linguagem o fizeram a partir de suas marcas sócio-históricas e buscando marcar certos traços identitários que estão inscritas em suas práticas discursivas. O discurso é então parte de uma estrutura social mais ampla e que tem efeitos sobre essa mesma estrutura.

Caberia perguntar sobre os reais efeitos desta interação. Uma questão que se coloca é que, de alguma a maneira, os recursos linguísticos e estratégias de argumentação usadas pelos jovens pode parecer não ter tido grandes efeitos em relação à construção de representações dos estudantes sobre o movimento. Nesse sentido pode continuar sim sendo entendido e visto como uma junção de usuários de drogas ou de pessoas que estão à margem da sociedade. Porém, um outro efeito mais evidente pode ser apontado em relação ao processo de elaboração de identidades dos próprios jovens como grupo de *rappers*, porta-vozes da periferia e educadores.

Em contato com os integrantes deste grupo, alguns declararam que, entre outros aspectos, a participação no movimento possibilita que tomem parte, como protagonistas, em eventos nos quais a oralidade e a escrita são centrais: composição de letras de rap, participação em palestras, leitura de textos diversos tais como jornais, revistas e livros, em especial os que tematizam a história da população negra no Brasil e no mundo.

Segundo eles, estas práticas imprimem mudanças significativas em seu modo de agir e posicionar-se diante da produção de conhecimento. Em atividades fora do âmbito formal de educação eles se envolvem com a linguagem de modo concreto e em contextos reais de comunicação. Tal envolvimento remete ao que escreve Bakhtin (1995) “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. Desta maneira, continua ele “A separação da língua de seu conteúdo ideológico constitui um dos erros mais grosseiros do objetivismo abstrato”.

Em geral esta atitude ativa diante do conhecimento difere da postura que muitos destes jovens têm no ambiente formal de educação. A situação de ensino raramente toma a língua como fundamental para a realização de necessidades enunciativas concretas. Contraditoriamente, o que se vê na escola é o ensino de uma língua morta, cujo sistema linguístico é imutável e regido por normas rígidas a serem aprendidas (BAKHTIN, 1995).

Para os professores e professoras há um enigma a ser decifrado: por que fora da sala de aula há esta “explosão”? O que faz com que estes jovens se empenhem em busca da

[20/24]



expressão fora da escola? E na escola? Como circula a linguagem? Se existe diferença onde ela está?

Um dos caminhos para pensar as questões acima pode ser a investigação das situações de interação didática em sala de aula. Concordarmos com Matêncio (2001, p. 42) quando diz que “o professor deve ser capaz também de perceber e compreender o que faz através da linguagem em sua prática em sala de aula, e utilizar esse conhecimento como um instrumento de trabalho a mais”. Matêncio ressalta que o professor ao ensinar a língua toma a linguagem como objeto de ensino e ao mesmo tempo é por meio dela que viabiliza a interação.

Outro aspecto a se considerar neste caminho investigativo é tomar a aula como um gênero discursivo, com formas próprias de enunciação. Neste evento, a palavra também se reveste de contornos específicos, conjugando aspectos tais como o contexto sócio-histórico de produção os objetivos dos falantes envolvidos, as relações de poder envolvidas, ou seja, uma aula é sempre um produto do meio social, cultura. Nesse sentido, cabe novamente trazer Bakhtin quando este afirma que a palavra é dialógica e somente pode ser concebida dentro das relações sociais estabelecidas entre um e outro e que o dialogismo é mesmo constitutivo da linguagem que é social e ideológica.

Voltando aos objetivos que motivaram o encontro entre os *rappers* e os futuros professores, afirma-se que uma das tarefas cada vez mais urgentes para a instituição escolar é atender para a dinâmica e as múltiplas maneiras de uso social da linguagem: estabelecendo uma ponte entre o que está dentro e o que está fora da sala de aula; reformulando a noção de currículo de forma a considerar as diferentes vozes e identidades que circulam nos espaços educativos.

### **Referências Bibliográficas**

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, [1929] 1986. CORTI, A. P. e SOUZA, R. *Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores*. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louto - 8. ed. – Rio de Janeiro; DP&A, 2003.

KLEIMAN, Ângela B. *Os significados do Letramento : uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas : Mercado de Letras, 1995.

[21/24]

*Para se pensar currículo, práticas de letramentos e construção de identidades sociais no movimento Hip Hop* • SOUZA, Ana Lúcia.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

MATENCIO, M. L. M. *Estudo da língua falada e aula de língua materna: uma abordagem processual da interação professor/aluno*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

GOMES, N G e MUNANGA, K. e.. *Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria

SILVA, T.T. da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, A.L.S. *Letramentos de reexistências. Culturas e identidades no movimento hip hop*. Tese de Doutorado, Unicamp, 2009.